

SOCIALISMO, COOPERAÇÃO E EDUCAÇÃO

Miguelângelo Cortezeⁱ

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
migmig_39@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo que nasce da prática de sala de aula é parte da pesquisa do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI dentro da linha Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. Tem objetivo analisar as possíveis contribuições do socialismo e da cooperação para a educação, principalmente estadual gaúcha. A hipótese básica caminha no sentido de que é preciso superar a educação baseada na ética competitiva-capitalista para outra de cooperação-socialista. É uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem e bibliográfica quanto aos procedimentos técnicos. Chega-se à conclusão que a escola possui um grande papel que pode frear a velocidade consumista, para tanto não pode reproduzir a ética capitalista.

Palavras-chave: Socialismo;
Cooperação; Educação; Sete Povos.

ABSTRACT: This article comes from the practice of classroom research is part of the Master of Education in the Sciences UNIJUI Inside Line Popular Education in Social Movements and Organizations. Has to analyze the possible contributions of socialism and cooperation in education, especially Rio Grande do Sul state. The basic hypothesis is moving in the sense that it is necessary to overcome the ethical education based on the competitive-capitalist to another socialist-cooperation. It is a qualitative approach and on the bibliographical and technical procedures. You reach the conclusion that the school has a great role that can slow the speed of consumerism, for both can not play the capitalist ethic.

Keywords: Socialism; Cooperation, Education, Seven Towns.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu dentro das aulas de história da sala “Sepé Tiaraju” do Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli do município de Três de Maio do Estado do Rio Grande do Sul. Ele é parte da pesquisa do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI dentro da linha Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. Tem por objetivo analisar o socialismo e a cooperação em suas possíveis contribuições ou implicações para a educação.

O ponto de partida é a prática docente que procura encontrar saídas para melhorar a qualidade da educação pública. A questão principal pretende responder uma pergunta, diante das contradições crescentes do sistema capitalista que se

“impõe” falsamente como único: seria possível uma educação baseada em princípios socialistas de cooperação, dentro da escola pública gaúcha e brasileira? A resposta dessa questão não é tarefa simples. Sua análise está inserida em uma das principais preocupações da sociedade atual que é a educação, no caso, a formal. E sabemos que um artigo seria pouco para respondê-la, mas pelo menos, é uma tentativa de buscar soluções que aproximam a educação pública com a identidade das classes populares.

Acreditamos que a educação formal, principalmente a básica, isto é o ensino fundamental e médio do Estado do Rio Grande do Sul está carente de uma nova força, uma nova esperança, um novo jeito, um novo método ou outro nome que se quiser dar. O importante é fazer com que o (a) estudante, o (a) professor (a) e toda a comunidade escolar sintam alegria em entrar na escola e não em sair. É por isso que acredito que a escola pode servir de novo horizonte utópico diante dessas incertezas humanas. É nesse sentido que acredito no socialismo. Acredito em Hugo Chaves, Evo Morales, Rafael Correa, Fidel Castro e Che Guevara. Acredito no Lula porque está provando que os pequenos podem fazer também e, muito melhor, diga-se de passagem. Acredito que existem explorados e exploradores, dominados e dominantes. Acredito também que é possível acabar com a corrupção e que a violência é muito mais consequência que causa.

Trabalho como professor de história e fico indignado quando aparecem algumas versões ditas como únicas. Disseram que o progresso da ciência era o futuro da humanidade, hoje estamos vendo no que deu! Disseram que os transgênicos salvariam os problemas da fome da terra, mas sabemos onde vai dar essa tal “neutralidade” científica. Hoje não sabemos se é pior fumar um cigarro do Paraguai ou comer uma coxinha de frango de Santa Catarina. Será que o mercado do lucro está em todo lugar não importando o lado que se olhe? Acreditamos que essas são algumas questões que a escola não pode deixar de refletir. Afinal, o que a escola está fazendo ou o que ela poderia fazer dentro de seu papel social?

Por isso a hipótese básica desse artigo caminha no sentido de que é preciso superar a educação baseada na ética competitiva-capitalista para outra de cooperação-socialista. Para tanto, o texto está organizado em três partes: a primeira busca investigar o socialismo de Che Guevara segundo a versão do Professor

Tablada, em seguida está uma análise da cooperação partindo da experiência dos Sete Povos com ajuda de Clóvis Lugon e outros, para depois analisar a educação diante desses conceitos com ajuda de Paulo Freire e outros.

O SOCIALISMO

A queda do Muro de Berlim (1989) e o fim da URSS¹ (1991) marcaram teoricamente o fim da Guerra Fria. Essa guerra ideológica entre capitalismo e socialismo marcou toda a segunda metade do século XX. Aparentemente o capitalismo saiu vitorioso, mas isso não significa que o socialismo morreu. Muito pelo contrário, cada vez mais, o socialismo está renascendo como semente jogada em terra fértil. É quase como a águia que numa certa época da vida arranca suas unhas com o próprio bico para nascerem novas e continuar vivendo. Uma década depois da queda da União Soviética as torres gêmeas caíram (2001), numa terrível comparação com o Titanic, que queria ser mais forte que tudo e acabou mostrando o limite frágil da mais alta tecnologia capitalista. Foi uma década em que os “yanques” lutaram “sozinhos” com um inimigo invisível até o “onze de setembro” que marcou a substituição do inimigo do Império Estadunidense. No lugar do comunismo, a doutrina Bush colocou o terrorismo. Quem é terrorista para eles? Todos que não se submetem a seu império. É neste cenário de incerteza diante da suposta segurança no progresso científico e da fragilidade econômica do maior império atual que nos provoca refletir sobre nossa prática docente e como o socialismo e a cooperação podem ser úteis na construção do conhecimento.

Para falar sobre socialismo convidamos ninguém melhor do que Ernesto Guevara de la Serna, o “Che” que acreditava ser o marxismo não um dogma, mas um movimento constante capaz de criar e subverter a ordem injusta. Para compreender melhor o pensamento de Che segundo Tablada (2008, p. 18) “um dos princípios da Revolução Cubana foi que não teria sentido algum realizar ação, organização, processo produtivo ou político se não fossem dirigidos ao melhoramento humano e à superação da alienação”. Veja bem que o objetivo da ação, organização, processo produtivo ou político deveria estar dirigido ao

¹ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

melhoramento humano e dentro dele estava a superação da alienação. Está claro, pois que para superar a alienação deveria contar o novo regime com um eficiente sistema educacional. Foi assim que Cuba conseguiu erradicar o analfabetismo, situação distante de outros povos latino-americanos. É assim que arriscamos uma afirmação, mesmo que prematura, não existe socialismo sem cooperação e sem educação, porque são palavras irmãs.

Tablada acredita que Che enxergou muitos anos antes o fim trágico da URSS devido o sistema socialista estar “contaminado” pela ética capitalista.

Da mesma forma que Fidel, Che vaticinou que a URSS e os países do leste europeu marchariam irremediavelmente rumo ao capitalismo e expôs algumas causas que originaram esse processo. Percebeu que o sistema soviético estava permeado dos princípios éticos, econômicos e ideológicos do capitalismo (TABLADA, 2008, p.19).

Da mesma forma poderíamos acreditar que nossa escola do século XXI também está permeada pelos princípios éticos, econômicos e ideológicos do capitalismo. Sendo assim, caso tenhamos a pretensão de contribuir na transformação desse mundo, seria preciso antes repensar os princípios que estão dirigindo a sociedade na qual a escola está inserida.

Como vamos defender relações socialistas e de cooperação em sala se o que predomina na sociedade é outra muito diferente, onde o ter vale mais do que o ser? Relações que colocam o desenvolvimento econômico pelo progresso como um fim em si mesmo e onde o sucesso individual pela busca a qualquer preço do dinheiro, do poder, do lucro fácil e do consumismo exagerado é visto como algo natural?

Che Guevara não acreditava que o desenvolvimento econômico fosse um fim em si mesmo: o desenvolvimento econômico de uma sociedade tem sentido se servir para transformar a pessoa, se lhe multiplicar a capacidade criadora, se a levar para além do egoísmo. E essa viagem do *eu* ao *nós*, do desenvolvimento da individualidade e da liberdade, não pode ser feita com os instrumentos, as categorias e a ética capitalista. Não significa renunciar à mercadoria, significa simplesmente produzir pelo valor do uso e não pelo valor de troca; produzir para satisfazer as necessidades da comunidade, da população, não pelo afã de riqueza material, esquecendo a riqueza espiritual e as necessidades materiais de toda a população e não só de uma minoria (TABLADA, 2008, p.19-20).

Essa viagem do eu ao nós não pode ser feita dentro dos princípios capitalistas. Nesse caso, cabe a nós, trabalhar com a utopia socialista em sala de aula, para começar minar as bases dessa ética falsificada da riqueza econômica. Para Tablada

(2008, p.22) “Che aspirava a uma economia que estivesse em função das pessoas e não as pessoas em função da economia”. Por isso, completa Tablada (2008, p.22) que “a construção socialista deve conjugar produção, organização e consciência como fenômenos simultâneos que tem como elemento central o ser humano e, como fim, a sua liberdade”.

Não estamos falando da falsa liberdade capitalista que aprisiona as pessoas, dando a noção de ser livre para escolher um emprego, uma casa, uma condição econômica como se tudo dependesse exclusivamente de sua capacidade, sem analisar o poder do sistema capitalista que produz toda essa situação. Assim, os melhores, mais fortes, mais capazes, mais competentes vencem. Isso passa à impressão que o caminho natural de todos é a riqueza através do trabalho ou da sorte. Quem chega lá consegue um nível de consumo dentro dos padrões “normais” para o sistema. Quem não consegue esse padrão de consumo é considerado incompetente ou indolente e, como consequência surge a exclusão da maioria.

Diante desse quadro defendemos outras relações de produção onde a liberdade de ser humano possa ocorrer de verdade, porque segundo Tablada (2008, p. 23) “o capitalismo não tem nada humano a oferecer aos nossos povos”. Como pode o professor reproduzir “sem querer” essa ideologia sobre milhares de cabeças dos estudantes em formação? Não seria esta uma questão central de qualquer educação que se propõe a trabalhar com responsabilidade social e ambiental? Não seria mais adequada uma educação comprometida pela transformação para um mundo de dimensão humana!

A própria incapacidade do capitalismo de resolver os problemas mais graves da maioria da população mundial e a própria lógica do sistema, revelada por Karl Marx e Friedrich Engels, impedem que, sob o capitalismo, possa ser erguida uma sociedade de dimensão humana, livre da exploração do homem pelo homem, livre da discriminação da mulher, do racismo, da xenofobia, do fascismo e de seus sucedâneos, da miséria de centenas de milhões de pessoas, como o preço para manter os níveis de vida que se desfrutam no Norte, uma sociedade livre da alienação do individualismo e da destruição da natureza (TABLADA, 2008, p.30-1).

Por tudo isso não há como negar o valor que teve e tem a Revolução Cubana (1959) pela coragem e o exemplo aos explorados da terra, mas especialmente da América Latina, de que é possível lutar e mudar as coisas. Nesse sentido, podemos perceber que está ocorrendo, nos últimos anos, uma forte guinada para a “esquerda”

dos povos latino-americanos cansados de séculos de exploração. Basta olhar Hugo Chaves na Venezuela, Rafael Correa no Equador e Evo Morales na Bolívia, para citar alguns, que o sonho de Che está vivo. Isso tudo porque uma força mais poderosa do que o capital sobrevive: o desejo humano de sentir-se humano, situação impossível para o capitalismo. Para Tablada (2008, p. 48-9) “ao triunfo da Revolução, iniciaram-se profundas transformações econômicas que instigaram a oposição de poderosas forças materiais, mas o povo cubano conseguiu derrotá-las porque surgiu uma nova força tão poderosa quanto à dos fuzis: a consciência, o valor de uma idéia justa”.

Idéia justa que vise à maioria, mas sem marginalizar as pessoas, os indivíduos e o coletivo nas tomadas de decisões. Nesse caso, surgem algumas questões para uma sociedade socialista ou como nós queremos uma escola socialista: uma delas para Tablada (2008, p.71) é que “sem democracia participativa *real* do povo, sem controle real dos eleitores sobre os funcionários que elegem e sem superar a alienação, não surge uma sociedade socialista”. Essa questão levanta dúvidas sobre a nossa democracia representativa, porque as decisões políticas no Brasil estão muito longe do povo que sofre a pressão alienadora do sistema controlada pela mídia capitalista.

Está claro, diante disso, que a escola possui uma força em potência para frear a velocidade dessa sociedade de consumo que transforma tudo em mercadoria, lucro e dinheiro. Está claro também que a ética da escola deve seguir outro caminho. O que defendemos que a escola poderia pensar na ética socialista defendida por Che. Isso porque a escola não está isolada, ela faz parte do todo, podendo contribuir na reprodução ou transformação do mesmo. Transformação que cada dia mais se faz necessária, pois segundo Tablada (2008, p. 71) “a salvação ecológica do planeta depende da capacidade que encontre a humanidade para frear as intrínsecas tendências depredadoras do capitalismo em seu perene empenho por maximizar o lucro”.

Não tem como esconder para sempre a enorme manipulação contrária que o capitalismo faz com seus opositores. A ideologia do grande capital é imposta desde os primeiros anos de vida. A escola é um espaço que serve para compreender os instrumentos dessa lógica perversa. Por isso os (as) professores (as) não podem

deixar de escrever e publicar mais, desnudando essa realidade. Para tanto, não há como negar, que educação sem investimento não consegue bons resultados. O Rio Grande do Sul já foi um dos melhores estados do Brasil nesse aspecto. Por isso a educação deve ser prioridade e, com certeza, passa por essa trilha uma educação mais cidadã.

Através da superação da alienação seria possível enxergar melhor esse problema. Caso contrário, sem conhecer as causas e conseqüências fica difícil compreender os métodos usados que convertem as pessoas em consumidoras dentro de uma corrida possível de imaginar o fim. Na maioria das vezes a vítima se torna culpada, mas podemos virar o “feitiço contra o feiticeiro” quando viver bem não significa ter mais, quando viver bem não tiver relação com pressa, velocidade, consumismo, mas com lentidão, calma, tranqüilidade e família. Vida boa pode significar “ter menos” para “viver mais”. Para Tablada (2008, p. 75) o grande capital “lança a juventude ao consumo desenfreado de drogas e de qualquer bem material supérfluo e ao empobrecimento total de sua espiritualidade e formação cultural humanista”. A escola não pode fechar os olhos e fazer de conta que não tem nada a ver com isso!

A COOPERAÇÃO

Por isso, em vez de olhar somente para frente, precisamos olhar para o lado e até para traz. Olhar ao lado significa que o ser humano não está sozinho, ele vive dentro de uma sociedade que precisa buscar mais a comunhão e a cooperação. Nesse caso é impossível separar o conceito de socialismo da palavra cooperação. Na realidade um não vive sem o outro como se fosse um corpo só. O modo de produção socialista está baseado em relações sociais de produção de colaboração recíproca. É justamente essa relação que aproxima o homem de sua essência.

Mais perto de nós, o que podemos usar de referência, de uma sociedade socialista foram Os Sete Povos das Missões que tiveram seu apogeu durante a primeira metade do século XVIII. Jesuítas e guaranis conseguiram construir um espaço onde a cooperação existia de fato dentro de um espírito de colaboração

recíproca. Freitas quando analisa as missões cita Friedrich Engels para tratar desse fundamento:

Os homens, donos por fim de sua própria existência social, se convertem em donos da natureza, donos de si mesmos, em homens livres. Em suma, uma sociedade em que nenhum setor vive da exploração de outro setor; as relações sociais de produção são relações de colaboração recíproca (FREITAS, 1982, p.59).

Para nós que vivemos numa sociedade capitalista fica difícil de imaginar como seria viver onde o *ser* tivesse mais valor do que o *ter*. Nas Missões, entretanto, por mais de um século essa realidade ocorreu de verdade. Para Lugon (1976, p.95) “Nessa república sem classes, sem privilégios, onde o dinheiro não tinha poder, os indivíduos ascendiam, essencialmente, pelo seu valor e méritos pessoais”.

“Sem classes sociais, sem privilégios e onde o dinheiro não tinha poder” representava uma qualidade específica construída naquela situação. Essas relações criaram um modo de produção que representou um salto fabuloso de desenvolvimento à região. Segundo Lugon (1976, p.124) a agricultura, por exemplo, tornou-se uma fonte de produção como não existia antes: “muito rapidamente, as reduções constituíram em breve, apesar de tudo, o conjunto agrícola mais completo e melhor organizado da América”. Isto quer dizer que apesar de toda a estrutura econômica e política superior do aparato estatal do colonialismo, as missões ganhavam em eficiência e produtividade, provando que o socialismo missioneiro era extremamente viável. A erva-mate, podemos dizer, foi um caso da eficiência agrícola sendo fonte de grandes rendimentos.

O chá do Paraguai ou erva-mate forneceu desde os primeiros tempos uma fonte de grandes rendimentos. Um século após a expulsão dos jesuítas, ainda se exportavam, aproximadamente, cinco mil toneladas de erva-mate (442.940 arrobas), provenientes, principalmente, do território das Missões. O mate era a bebida por excelência dos guaranis e dos sul-americanos, em geral índios e colonos. No século XX, continua sendo a bebida nacional dos argentinos e paraguaios (LUGON, 1976, p. 125-6).

Pela leitura e pela visita ao local das ruínas é possível ainda hoje mergulhar, para ir entrando devagarzinho, na realidade vivida pelos guaranis e os jesuítas. Dessa forma se consegue pelo menos iniciar um entendimento razoável do significado da forma de vida desenvolvida por eles. Nesse espaço, cooperar sem

interesse individual, mas coletivo, era uma prática normal. Foi realmente um modo de entender a condição humana, muito diferente da atual. Jesuítas e guaranis tiveram um tempo, mesmo que reduzido, para preservar e ampliar o modo coletivo primitivo numa cooperação produtiva que fez tremer a máquina do sistema colonial. Não por acaso se juntaram os dois maiores impérios para destruir o perigo que o “mau” exemplo missioneiro representava.

O meu e o teu nem são sequer conhecidos entre eles. A solidariedade fraterna era mais forte do que a previdência individual e fazia florir a virtude da imprevidência [...] Todos, ou quase todos, levam o desprendimento dos bens da terra até onde lhes é possível, com o socorro da graça. Nada possuem que não estejam dispostos a sacrificar, um dia, para aliviarem as necessidades dos outros (LUGON, 1976, p.247).

Essa noção de “solidariedade fraterna” descrita por Lugon parece que precisamos buscar mais para a educação formal de hoje. Assim a cooperação ocuparia um lugar mais destacado no processo de ensino e aprendizagem. Está claro, todavia, que a educação possui uma força em potência, que quando estimulada na escola poderia tornar-se um espaço privilegiado de cooperação para utilizar o tempo na construção de um conhecimento necessário na edificação de um mundo mais humano. Não mais reprodutora medíocre do modo de produção capitalista, mas um espaço crítico, consciente, que responda as questões que mais incomodam a humanidade.

Nesse aspecto é preciso repensar a forma como está sendo feita a escola nesse início de século XXI. Boufleuer (2001, p.27) acredita que essas novas exigências reforçam a idéia de outra relação entre os sujeitos que participam da ação educativa. Para ele “um acordo depende de contextos de cooperação, uma vez que ele não pode ser imposto de fora ou ser forçado por uma das partes, seja por gratificação ou por ameaça, sugestão ou engano”. Nesse caso fica estabelecido um novo jeito de ação entre docentes e discentes onde “predomina aqui o enfoque intersubjetivo, em que falantes e ouvintes buscam entender-se sobre determinada situação e a forma de dominá-la”.

Boufleuer defende uma pedagogia baseada no paradigma da comunicação. Essa opção que coloca a ação comunicativa no centro desse processo reconhece a linguagem como formadora do conhecimento. Mas não uma linguagem assim na

vertical, de cima para baixo, mas na horizontal, como no anarquismo. É uma pedagogia que busca a libertação do ser humano, dentro de uma relação de cooperação, partindo da produção do conhecimento com fim definido: o bem coletivo e emancipatório.

Uma pedagogia que se inspira no paradigma da comunicação se apresenta como práxis emancipatória, humanamente libertadora, pois implica o reconhecimento de cada sujeito como um “outro”, distinto e livre, possuidor de seu próprio horizonte de sentido (BOUFLEUER, 2001, p.87).

Para a educação acontecer dentro dessa nossa proposta precisa de “contextos de cooperação”, por isso fica claro a importância de repensar Os Sete Povos onde o projeto coletivo predominava. Para Freire (1987, p.68) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Isto é “os homens se educam em comunhão, em comunidade, em cooperação”. Em vez de falar “isso é meu”, se fala “isso é nosso”. Assim quando Sepé disse “essa terra tem dono”, estava se referindo em defesa da coletividade, no caso, era “essa terra é nossa”.

Por essas e outras questões que esse assunto pode qualificar o debate educativo. Além disso, pode existir uma relação direta, não devidamente estudada, do tema com o modelo de cooperação que existe hoje nessa mesma região como acredita Schonardie (2008, p.93) em que “buscar as origens do cooperativismo no Brasil remete às já anteriormente citadas experiências dos Sete Povos”.

Nesse caso é preciso olhar para trás para dar um passo para frente. Esse passo não depende só da pesquisa, do estudante ou do professor, mas da relação de educação que existe e do uso disso para transformação em benefício da maioria. Usar esse espaço direcionado realmente para aqueles que sempre foram esquecidos parece ser algo importante. Assim nos ensina Paulo Freire onde o professor deve problematizar o futuro e não aceitá-lo como sendo inexorável.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse a sua inexorabilidade (FREIRE, 1996, p.58-9).

Convencido dessa “visão de mundo” nada melhor do que procurar na cooperação missioneira e no socialismo de “Che” um reforço que melhore a educação para compreender as questões que mais intrigam a atualidade.

A escola pode ser um desses espaços que proporcionam a construção de um conhecimento crítico sobre o mundo. A escola pode ajudar no processo de tirar as amarras dos olhos, ouvidos e da boca do cidadão. Como não enxergar a submissão imposta desde o período colonial? Como não enxergar a exploração em que se vive? No Brasil, por exemplo, desde a chegada de Cabral foi instalado um sistema que, em linhas gerais, pouco desviou o rumo. Para nós, contudo, está aí uma questão importante: compreender esse esquema de exploração que continua no presente com a submissão do poder burguês periférico.

Para continuar a retirar os recursos naturais e humanos da periferia ou participar esmagadoramente da expropriação do seu excedente econômico, as grandes corporações e as nações capitalistas hegemônicas precisam, no presente, favorecer a estabilidade e a eficácia do poder burguês nas economias capitalistas periféricas (FERNANDES, 1975, p.265).

Não se trata apenas de encontrar elementos que comprovem a amplitude da cooperação no contexto atual, mas de contribuir, através da ação educativa e política na compreensão crítica de uma experiência, que foi a base de desenvolvimento na organização missioneira, e que volta em cena como necessário ao futuro humano. Sob esse aspecto, esse estudo envolve as pessoas do meio com os problemas reais, nas associações, nos sindicatos, nas cooperativas, etc. Por isso vamos à direção de uma perspectiva de educação que dialoga ao lado dos interesses da coletividade, com o pé no chão. Dessa forma o cidadão poderá mais facilmente descobrir-se como agente integrante da ação, sendo muito mais ator do que espectador.

A EDUCAÇÃO

Afirma Marques (1993, p.15) que “o conhecimento, antes de ser estranhamento e distinção, é simpatia, aproximação e comunhão”. É nesse aspecto que o plano de fundo desse artigo é colaborar, nem que seja um pouco, para a construção de uma

nova sociedade. Uma sociedade alicerçada em outras bases que garantam os direitos fundamentais do ser humano de fato. Por isso que a conduta de nosso pensamento segundo Gadotti (1990, p.46) possui uma “orientação de libertação, motivando para uma participação mais ampla, problematizando a ordem capitalista e mobilizando para uma mudança profunda no sistema”.

Afirma Frantz (2008, p.08) que diante dessa situação uma escola com relações mais cooperativas seria fundamental para uma educação emancipadora. Para Frantz (2008, p.12) “a influência, positiva ou negativa, na educação, [...] depende muito da atitude pedagógica, isto é, da direção e sentido que se dá à educação: um sentido de dominação ou de libertação, de emancipação humana, de competição ou de cooperação”.

Diante disso, o processo educativo deve ter por base o diálogo, a comunicação, a disposição de ouvir e falar. É na comunicação, pelo diálogo, pela argumentação, que os participantes do processo de educação conseguem qualificar o sentido e o significado das atividades pedagógicas, conseguem construir relações mais cooperativas, fundamentais a uma educação emancipadora (FRANTZ, 2008, p.8).

Está claro, portanto, que a bússola de nossa viagem pelo tempo é com sentido de libertação. Para tanto se faz necessário que a educação repense suas relações abrindo espaço à cooperação e ao socialismo para refletir sobre outras concepções diferentes daquela que o mercado competitivo do mundo capitalista tenta impor. Caso contrário, para Santos (2004, p.147) “o homem acaba por ser considerado um elemento residual”.

Com a prevalência do dinheiro em estado puro como motor primeiro e último das ações, o homem acaba por ser considerado um elemento residual. Dessa forma, o território, o Estado-nação e a solidariedade social também se tornam residuais. A primazia do homem supõe que ele estará colocado no centro das preocupações do mundo, como um dado filosófico e como uma inspiração para as ações (SANTOS, 2004, p.147).

Essa necessidade de colocar o ser humano no centro, como diz Santos, é observada também nas contradições da cidade de Três de Maio. Aqui também existem concepções que colocam, na maioria das vezes, o pequeno agricultor, o índio, o negro, o mestiço ou o caboclo que foi expulso de sua terra e mora na periferia urbana como responsáveis pela pobreza. Isto é, o pobre é o culpado pela sua situação, pela sua incompetência ou pela falta de educação. Como se o estigma

de Macunaíma – o herói sem nenhum caráter – que falou a primeira frase somente depois de seis anos de vida: “Ai, que preguiça”, fosse a marca do povo brasileiro. Não se leva em conta o modo de produção capitalista que é excludente e todo o processo envolvido que produz essa situação de pobreza. É colocada toda a culpa no indivíduo que é acusado de vagabundo, bêbado ou preguiçoso. Dizem aqueles que têm o poder da comunicação que ele não quer trabalhar. Enquanto isso provoca uma enorme confusão, a realidade é outra: o povo brasileiro é trabalhador, guerreiro, esforçado, levanta cedo, cuida dos filhos, não é acomodado ou conformado.

Nesse sentido, o tempo parece andar mais rápido dado as dificuldades da relação entre a manipulação, conduzida principalmente pela mídia monopolizadora, e a realidade de vida das classes populares. É uma luta desigual, na qual estamos inseridos, mas, onde a escola pode contribuir muito mais. Isso depende, todavia, da relação entre os sujeitos dentro da escola. É assim que o socialismo de “Che”, quando defende outras relações sociais, econômicas, políticas, juntando com a cooperação das Missões formam um conjunto interessante. Esse conjunto pode servir de exemplo de que é possível construir outra realidade, outra história onde o humano possa ser humano. É um passo que pode parecer pequeno, contudo mostra a vontade de continuar lutando, assim como Veríssimo escreveu:

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto (VERÍSSIMO, 1976, p.45).

Nesse aspecto o pesquisador é também como um semeador. Não pode abandonar sua trincheira nesse momento histórico em que está sendo chamado para avançar. A luta exige esse comprometimento ético de que a mudança é possível, de que outro mundo é possível. Essa possibilidade defendida é uma luz, um farol que ilumina o caminho do imaginário popular na busca desse horizonte utópico. Às vezes imagino a força que transmite um (a) professor (a) com vivacidade diante de uma turma de estudantes no início do ano letivo, ou mesmo durante as

atividades normais da escola. Essa força é muito importante para tirar a centralidade no dinheiro que distorce até o sentido da vida humana como afirma Santos.

Nas presentes circunstâncias [...] a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro sustentado por uma informação ideológica, com o qual se encontra em simbiose. Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas as suas dimensões, incluindo o trabalho e o lazer, e alcançando a valoração íntima de cada pessoa e a própria constituição do espaço geográfico (SANTOS, 2004, p.147).

É preciso reconhecer que estamos numa situação limite que exige uma posição do profissional da educação diante das contradições do mundo. Concordamos com Santos (2004, p.173) quando afirma: “ousamos, desse modo, pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições objetivas, materiais e intelectuais, para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória”. E continua (p.174) “a mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano”.

A nova paisagem social resultaria do abandono e da superação do modelo atual e sua substituição por um outro, capaz de garantir para um maior número a satisfação das necessidades essenciais a uma vida humana digna, relegando a uma posição secundária necessidades fabricadas, impostas por meio da publicidade e do consumo conspícuo (SANTOS, 2004, p.148).

Milton Santos contribui e incentiva essa visão crítica que a escola pode assumir diante da necessidade de abandonar e superar o modelo atual para construir outro, onde o humano tenha condições dignas de vida. Para isso, todavia, é necessário buscar outras relações sociais, econômicas e políticas.

Mais importante do que as decisões que se tomam é a maneira como a elas se chega. Decidir que as pessoas devem fazer algo só é ético quando todas por igual decidem numa situação dialógica livre de coações e pela motivação de todos envolvidos na busca de alcançarem o entendimento entre ele num espaço conjugado de cooperação e solidariedade (MARQUES, 2006, p. 168).

Afinal, nos valem de uma pergunta de Marques (2006, p. 167) sobre “o que querem os cidadãos? Uma sociedade solidária cooperativamente construída, ou uma sociedade competitiva onde quem pode mais chora menos, onde os indivíduos se atropelam uns aos outros em busca do sucesso particular, das próprias

vantagens?”. Nossa intenção caminhou em procurar caminhos que justifiquem uma nova ética para a escola mais próxima de uma sociedade solidária cooperativamente construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o socialismo, a cooperação e a educação num artigo apenas é pouco, diante da complexidade que esses conceitos representam. O importante, todavia, é entender que um outro mundo não só é possível, mas necessário. Por isso, acreditamos que o socialismo com democracia participativa, assim como pensava Che, onde a economia estivesse em função das pessoas e não as pessoas em função da economia seria uma possibilidade de mudar o rumo das desigualdades impostas pelo capitalismo. Acreditamos que a cooperação, assim como nos Sete Povos, onde o meu e o teu nem eram conhecidos entre eles, seria um exemplo para enfrentar o individualismo egoísta que coloca o dinheiro em primeiro lugar. E por fim, acreditamos que a educação pode aproveitar essas experiências para construir sua pedagogia baseada não mais na ética capitalista que destrói aquilo que o humano possui de mais belo, que é sua humanidade. Humanidade que carece de solidariedade, carece de socialismo e de cooperação.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa**: uma leitura de Habermas. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

FRANTZ, Walter. **Educação e docência, hoje. Uma reflexão no dia 15 de outubro**. Espaços da Escola, ano 18, nº 64, maio/dezembro 2008, p. 3-12.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Décio. **O Socialismo Missioneiro**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1982.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

LUGON, Clóvis. **A Republica Comunista Cristã dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

_____. **Caminhos da formação de um educador**. Ijuí: UNIJUI, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. - 11ª edição - Rio de Janeiro: editora Record, 2004.

SCHONARDIE, Paulo. A Presença Histórica e Cultural de Signos do Movimento Cooperativo na Constituição do Humano: uma análise a partir do estudo de caso de Três de Maio/RS. Dissertação de Mestrado na UNIJUÍ. Ijuí, 2008.

TABLADA, Carlos. **O Marxismo de Che e o Socialismo no século XXI**; tradução de Claro Diego Lopez Bonimo, Eduardo Marcuso e Lúcio Costa. Porto Alegre: Ver de Perto, 2008.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta**, volume 1. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.

Endereço eletrônico de Miguelângelo Corteze: migmig_39@yahoo.com.br (reescrevendo a parte inicial do email: migmig_39...).

ⁱ Mestrando em Educação nas Ciências, Linha 3: Educação popular em movimentos e organizações sociais.